

O PERCURSO METODOLÓGICO DE UMA PESQUISA QUALITATIVA: NA LINHA DA FENOMENOLOGIA E DA HISTORIOGRAFIA

*Juliana Salgueiro Melo **

*Cristianne Almeida Carvalho ***

RESUMO: Este trabalho visa apresentar a trajetória de uma pesquisa qualitativa em Psicologia, que define a Fenomenologia e a Historiografia como metodologias. Após delimitar os objetivos da pesquisa em questão, fez-se necessário elaborar um percurso metodológico para alcançá-los. Dessa forma, inicia-se o relato de uma longa jornada que envolve desde a delimitação do universo da pesquisa até os passos da pesquisadora em campo. Este artigo tem como propósito partilhar informações, discutir e minimizar as dificuldades enfrentadas por pesquisadores em trabalho de campo no uso de metodologias de base qualitativa, especificamente a historiografia e a Fenomenologia no método proposto por Amadeo Giorgi e Daniel Sousa. Assim, organiza-se o presente trabalho da seguinte forma: introdução, que recupera a história da pesquisa realizada; percurso metodológico: primeiras pistas; escolha dos participantes, fundamentos metodológicos, passo a passo da pesquisa em campo e considerações finais.

PALAVRAS-CHAVES: Pesquisa Qualitativa. Fenomenologia. Historiografia.

THE METHODOLOGICAL PATH OF A QUALITATIVE RESEARCH: PHENOMENOLOGY AND HISTORIOGRAPHY

ABSTRACT: This paper aims to present the trajectory of a qualitative research in Psychology, which defined Phenomenology and Historiography as methodologies. After defining the objectives of the research in question, it was necessary to elaborate a methodological path to achieve them. Thus, the report of a long journey begins, from the delimitation of the research universe to the researcher's steps in the field. The purpose of this article is to share information, discuss and minimize the difficulties faced by researchers in fieldwork in the use of qualitative-based methodologies, specifically historiography and Phenomenology in the method proposed by Amadeo Giorgi and Daniel Sousa. Thus, the present work is organized as follows: introduction, which recovers the history of the research conducted; methodological path: first clues; choice of participants, methodological foundations, step-by-step of the field research, and final considerations.

KEY-WORDS: Qualitative Research. Phenomenology. Historiography.

* Mestrado em Psicologia – Universidade Federal do Maranhão-UFMA. E-mail julianasalgueiro@msn.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9265-3310>

** Doutorado em Psicologia Social – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora da Universidade Federal do Maranhão-UFMA. E-mail cristianne.ac@ufma.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2793-7904>

Introdução

A proposta deste artigo baseia-se na apresentação da trajetória de uma pesquisa qualitativa em Psicologia, que define a Fenomenologia e a Historiografia como metodologias. Dessa forma, torna-se imprescindível recuperar a história da pesquisa em questão para proporcionar a compreensão deste estudo.

A pesquisa realizada refere-se à uma dissertação para o Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão, e teve como objetivo primordial “*analisar a trajetória de inserção dos psicólogos, graduados no Maranhão, na docência do Ensino Superior em Psicologia, a partir de suas narrativas*”. Teve-se como diretriz, ir além das questões relacionadas à prática pedagógica da docência do Ensino Superior e conhecer o sujeito através dele próprio, pondo em cena os fenômenos, as experiências, os saberes e “não saberes” do docente em Psicologia.

Sobre a relevância do local de realização da pesquisa, destaca-se que as pesquisas relacionadas à temática em questão concentram-se no eixo centro sul do país, onde a Psicologia comumente retratada, pouco representa a realidade da Região Nordeste, apontando para a necessidade de um levantamento histórico da Psicologia no Maranhão, o que será aprofundado mais adiante, no que se refere à metodologia historiográfica.

Assim, este artigo, representa um relato do processo que propicia a realização da dissertação: “*PSICÓLOGO-PROFESSOR: conhecendo a inserção dos psicólogos na docência do Ensino Superior em Psicologia no Maranhão*”. E destaca o quão importante é o percurso metodológico para o pesquisador elaborar sua obra. De tal modo, este trabalho surge da necessidade de partilhar informações acerca de um percurso metodológico, para discutir e minimizar as dificuldades enfrentadas por pesquisadores em trabalho de campo no uso de metodologias de base qualitativa, especificamente a historiografia e a Fenomenologia no método proposto por Amadeo Giorgi e Daniel Sousa.

Percurso metodológico: primeiras pistas

Após transformar em palavras as motivações e aspirações da Dissertação, fez-se necessário amadurecer e elaborar um percurso metodológico como forma de atingir os objetivos pretendidos. Assim, as primeiras pistas surgiram com o levantamento bibliográfico e documental, bem como indicações de leitura iniciadas nos encontros de orientação. Houve, ainda a busca de legislação e artigos científicos na internet através das ferramentas de busca virtual: o Google Acadêmico e a base de dados Scielo - *Scientific Electronic Library Online*. Citam-se, como termos mais utilizados no levantamento bibliográfico: “docência do Ensino Superior”, “docência universitária”, “trabalho docente na Educação Superior”, “licenciatura em Psicologia”, “história da Psicologia no Brasil” e “história da Psicologia no Maranhão”.

Identificaram-se legislações, resoluções e decretos importantes como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9.394/1996, em Brasil (1996), com destaque para a Educação Superior, perpassando pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o curso de Graduação em Psicologia (2011), e outros artigos e estudos desenvolvidos sobre a temática. Somou-se, a isso, uma consulta sobre a implantação dos cursos de Psicologia no Maranhão, através de seus Projetos Políticos Pedagógicos.

Leituras e fichamentos do levantamento bibliográfico possibilitaram melhor definição do problema de pesquisa. Diante de tantas informações, tornou-se imperativo enxergar o conjunto de material, de forma que propiciasse alcançar os objetivos pretendidos. Para tanto, o critério de organização encontrado foi a divisão de todo o material, em pastas, da seguinte forma: “história da Psicologia no Brasil”, “história da Psicologia no Maranhão”, “docência na Educação Superior” e “legislação e documentos”.

Organizar o material proveniente do levantamento bibliográfico significou processar leituras, preparar o caminho para fundamentação teórica e acolher o universo de estudo, culminando na escolha metodológica mais adequada, conforme descreve-se abaixo.

Fundamentos do percurso metodológico

Conforme o objetivo geral da Dissertação, a pesquisa de campo, de cunho qualitativo e fenomenológico, foi ratificada como uma forma eficaz de impetrar o tema “Psicólogo-professor: conhecendo a inserção dos psicólogos na docência do Ensino Superior de Psicologia no Maranhão”, para colocar em evidência os fenômenos e as experiências do docente em Psicologia.

A metodologia qualitativa reconhece a natureza diferenciada que caracteriza a pesquisa nas ciências sociais e humanas, apreendendo o participante como “um sujeito interativo, motivado e intencional, que adota uma posição em face das tarefas que enfrenta” (GONZALES REY, 2002, p. 53). Esse contexto permite a busca pelo conhecimento acerca da subjetividade, definida por Gonzáles Rey (2002) como um objeto de estudo complexo e em permanente processo.

Nessa metodologia, a pesquisa de campo é entendida como um processo coletivo que congrega as experiências, tanto do pesquisado quanto do pesquisador, admitindo haver uma influência mútua, que afeta o processo da pesquisa e, conseqüentemente, seus resultados.

Na epistemologia qualitativa, cabem inúmeras possibilidades de investigação, mas para dar ênfase à compreensão da experiência vivida, a Fenomenologia proposta por E. Husserl serviu de base para analisar as narrativas dos entrevistados. Convém sublinhar que, optar pela metodologia fenomenológica no contexto acadêmico é desafiador, uma vez que a mesma se dispõe a compreender os fenômenos incluindo seus aspectos objetivos e subjetivos. Além disso, várias são as propostas metodológicas que se utilizam desse fundamento filosófico. Neste sentido, Andrade e Holanda (2010, p. 265) concluem que:

Por existirem várias e não uma única forma de apreensão da fenomenologia (como se pode exemplificar, na Filosofia, por intermédio dos pensamentos de Sartre, Merleau-Ponty, Scheler e outros), a metodologia fenomenológica de pesquisa em psicologia sofre variações de acordo com o pensamento filosófico que a sustenta, apesar de todas terem um eixo comum: a busca do significado da experiência.

Assim, especifica-se que, optou-se pelo Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia, desenvolvido por Giorgi e Sousa (2010), seguidores de E. Husserl, visto que tal método atende às exigências acadêmicas e aos objetivos dessa pesquisa, conforme será descrito mais adiante.

Para melhor compreender o método fenomenológico em questão, cabem algumas considerações sobre sua fundamentação filosófica, definida por Giorgi e Sousa (2010, p. 33) como:

[...] movimento filosófico a partir da obra de Edmund Husserl, provocando um profundo impacto não apenas na filosofia, mas influenciando, decisivamente, a forma como o homem se pensa a si e ao seu mundo [...]. Trata-se de uma linha de pensamento que extravasou os limites da acção filosófica inicial, permanecendo activa até os dias de hoje, não cessando de questionar múltiplos quadrantes da vida intelectual, científica e social.

A referência anterior sugere que a Fenomenologia ultrapassa os muros da Filosofia, modificando a forma como o homem pensa a si e ao mundo. A perspectiva fenomenológica husserliana questiona os atributos essenciais da epistemologia positivista, que domina o cenário científico e sua preocupação com os rigores da objetividade e neutralidade. Neste sentido, Husserl (1970, p. 22) define que “o método da crítica do conhecimento é o fenomenológico; a fenomenologia é a doutrina universal das essências, em que se integra a ciência da essência do conhecimento”.

Com o seu saber questionador, Husserl enfatiza uma necessidade de compreender o fenômeno tal como aparece e afirma:

O que eu quero é *claridade*, quero compreender a possibilidade deste apreender, isto é, se examino o seu sentido, quero ter diante dos meus olhos a essência da possibilidade de tal apreender, quero transformá-lo intuitivamente em dado [...], a crítica do conhecimento é uma ciência que quer continuamente, só e para todas as espécies e formas de conhecimento criar claridade, então não pode utilizar nenhuma ciência natural, não pode religar-se aos seus resultados nem às suas asserções sobre o ser, estes permanecem para ela em questão. (HUSSERL, 1970, p. 25).

Desse modo, define-se que a busca do conhecimento se faz através das essências e o caminho para alcançá-las é a redução fenomenológica. Tal conceito é fundamental na fenomenologia husserliana, pois proporciona acesso ao modo de consideração transcendental e o retorno à consciência. Além disso, propõe que “o conhecimento é, em todas as suas configurações, uma vivência psíquica: é conhecimento do sujeito que conhece” (HUSSERL, 1970, p. 42). Sobre a redução fenomenológica ele diz que:

A todo o transcendente (que não me é dado iminentemente) deve-se atribuir o índice zero, isto é, a sua existência, a sua validade não devem pôr-se como tais, quando muito, como fenómenos de validade, portanto não como sistema de verdades vigentes que possam para mim ser empregues a título de premissa, ou até de hipóteses, como ponto de partida [...]. À elucidação das possibilidades do conhecimento não se encontra na senda da ciência objectiva. (HUSSERL, 1970, p. 25-26).

Assim, a redução fenomenológica demanda do pesquisador uma suspensão das suas conjecturas anteriores, impedindo-o de inferir algo novo a partir de um conhecimento dado como verdade. Dessa maneira, parte-se genuinamente do dado absoluto, no caso, o sentido e o significado das experiências vividas, captados nas narrativas dos psicólogos e professores. A postura de redução adotada pela pesquisadora, também se faz por meio da suspensão de juízos, de uma visão aberta a novas perspectivas.

Assim, tudo que surge das narrativas é considerado válido, não sendo enviesado pela necessidade de se comprovar hipóteses. Ou seja:

[...] para chegar à experiência vivida do sujeito, é necessário que o pesquisador procure colocar “entre parênteses” os conhecimentos adquiridos anteriormente sobre o objeto investigado. É por isso que o método fenomenológico não prescinde das hipóteses [...] (ANDRADE; HOLANDA, 2010, p. 264).

Considerando que a presente pesquisa concilia uma investigação documental e narrativa, a relação entre todos os atores e eventos desse processo está inserida em um horizonte histórico. Assim, além da Fenomenologia, a Historiografia da Psicologia também se faz necessária como proposta metodológica. Visando fugir de verdades absolutas, de uma visão inarticulada, linear sobre os eventos históricos e submissa ao passado, o uso de tais recursos metodológicos dialogam entre si, contemplando o contexto histórico e considerando as peculiaridades subjetivas do universo pesquisado.

A Historiografia revela-se, então, como uma perspectiva que propicia à contextualização dos fatos, um saber crítico, questionador e desnaturalizante, uma vez que torna possível compreender as condições que desvelam a atualidade sem perder as conexões com eventos passados.

Segundo Brozek e Guerra (2008), “uma análise histórica deve ter raízes nos fatos, mas é preciso ir além da matéria-prima, para ver e apresentar os fatos na perspectiva”. E, ao tratar do olhar psicológico a partir da historiografia, os autores citados acrescentam que:

Como psicólogos, as realidades históricas básicas não são as guerras, o feudalismo, o partido democrático, nem a Renascença, a Idade da Razão, ou a Revolução Industrial. Olhando para trás percebemos a conduta de homens e mulheres concretos que vivem e escrevem no contexto de uma sociedade caracterizada pelas intenções, invenções e ideias. (BROZEK; GUERRA, 2008, p. 5).

Desse modo, a historiografia fulgura que os fatores são estudados como participantes de um sistema, que é dinâmico e capaz de determinar condutas. E, como diz Massimi (2008), torna-se possível evitar “leituras e interpretações reducionistas ou preconceituosamente distorcidas pela ótica do presente” (MASSIMI, 2008, p. 71).

Ainda que as escolhas metodológicas sejam consideradas acertadas para o presente estudo, enfatiza-se que qualquer metodologia possui suas limitações. Por isso, Antunes (2008, p. 84) adverte ser impossível resgatar o passado tal como se deu na sua totalidade, esclarecendo que o objetivo da historiografia proposta consiste em:

[...] juntar os elementos disponíveis, organizá-los, buscando compreender suas contradições e a dinâmica de seu movimento e, fundamentalmente, tentar, com a limitação inerente ao olhar do presente, mais se aproximar do passado e compreendê-lo a partir dos sinais que permaneceram. Melhor compreendendo o passado e seu processo de construção, certamente se tornará mais límpida a compreensão do presente, no qual o passado se encontra como uma determinação e base de sustentação. (ANTUNES, 2008, p. 84).

Desse modo, justifica-se a utilização de um método historiográfico, por compreender que o processo histórico da Psicologia se faz de continuidades e descontinuidades, e fatores multideterminados, que se desenvolvem em um contexto político e social. Nessa perspectiva, vale enfatizar que “a história da Psicologia no Brasil é parte integrante da história brasileira, é um de seus elementos constitutivos, [...], é determinado por ele e um de seus determinantes” (PATTO, 2009, p. 30).

Por fim, ratifica-se a abnegação em compactuar com uma historiografia tradicionalista e mantenedora de análises superficiais e lineares da realidade social, almejando-se um conhecimento emancipador, uma leitura crítica da história da Psicologia, que assume uma postura ativa e interrogativa diante do conhecimento estabelecido. Assim, entende-se que existem muitos fenômenos presentes no percurso da docência em Psicologia, que merecem ser mais compreendidos ou revelados, e o presente trabalho se apresenta como uma possibilidade de investigação e reflexão sobre essa temática, a fim de gerar contribuições para a formação em Psicologia no Maranhão.

Neste momento, segue-se com a demonstração do passo a passo da pesquisa de campo, apontando para a continuação da delimitação e dos desdobramentos metodológicos necessários para nortear a continuidade dos esclarecimentos acerca do procedimento adotado pela pesquisadora.

A escolha dos participantes

Para alcançar os objetivos pretendidos dentro da metodologia escolhida, definiram-se os seguintes critérios de inclusão dos participantes: (1) ser psicólogo graduado no Maranhão; (2) atuar na docência do Ensino Superior, especificamente na graduação de Psicologia do Maranhão. Tais critérios

permitem problematizar a docência do Ensino Superior em Psicologia no Maranhão e suas implicações na formação e atuação profissional. Como critérios de exclusão, elencam-se cursos de Psicologia iniciados a partir de 2016, pois ainda não possuem turmas concluídas, bem como psicólogos-professores graduados em outros Estados.

Nesse sentido, destaca-se que a quantidade de participantes não interfere nos objetivos da pesquisa de base fenomenológica, o que será detalhada adiante, uma vez que esta não possui pretensões estatísticas de enumerar ou medir eventos. Dessa maneira, reforça-se que o interesse recai na experiência vivida por cada professor e no significado que este atribui às suas vivências.

A pesquisa aconteceu nos anos de 2015 e meados de 2016, englobando IES que ofertam a graduação em Psicologia no Maranhão e que já tenham formado psicólogos até 2015. Nesse caso, inclui-se, como campos de pesquisa, a Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Universidade Ceuma e Faculdade Pitágoras, todas situadas na capital do Estado¹.

O mapeamento sobre a distribuição dos psicólogos-professores nas IES maranhenses, possibilitou a construção de um quadro com os seguintes dados: nome dos docentes, instituição de atuação e Estado onde alcançou graduação em Psicologia. Para tanto, fez-se ainda necessária a consulta ao currículo *lattes* de todos os psicólogos-professores do universo em questão. Vale ressaltar, que nessa investigação surgiram algumas dificuldades, pois uma das IES não autorizou a tempo a listagem dos professores de Psicologia. No entanto, uma vez que são dados secundários, foi possível ter acesso aos mesmos através de visita à instituição. Convém lembrar que, toda pesquisa possui riscos e devem ser previstos, especialmente as de cunho qualitativo, na qual se “deixa de ter uma rota crítica fixada *a priori* e se converte em processo interativo que segue os altos e baixos e as irregularidades de toda relação humana” (GONZALES REY, 2002, p. 58).

Tal dificuldade não inviabilizou o andamento da pesquisa, mas deixou de ser fonte de escolha dos participantes, que passou a ocorrer de acordo com indicações de psicólogos conhecidos e dos próprios entrevistados.

O presente estudo foi submetido às exigências necessárias para realização de pesquisa com humanos, apresentadas na Resolução 510/2016 em Brasil (2016b), do Conselho Nacional de Saúde (CNS), considerando o respeito pela dignidade humana e proteção devida aos participantes de pesquisas, acima de todo progresso científico e seu avanço.

Sendo assim, seguiram-se os procedimentos legais previstos para uso de entrevistas, no qual inclui o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) a todos os docentes entrevistados, que contém dados da pesquisa tais como: a justificativa, os objetivos, os benefícios e riscos da pesquisa,

¹ Por meio de consulta ao portal do MEC, verificou-se que outras IES já possuem autorização para funcionamento da graduação de Psicologia, mas ainda não concluíram nenhuma turma, estando fora dos critérios de inclusão no estudo. Ressalta-se que o cadastro E-MEC é a base de dados oficial e única de informações relativas às IES e cursos de graduação do Sistema Federal de Ensino.

solicitando participação voluntária dos entrevistados e autorização para divulgação de suas narrativas em eventos ou publicações científicas e acadêmicas, comprometendo-se com o anonimato dos participantes (ver Apêndice A). Ressalta-se, ainda, que o participante recebeu uma via do TCLE, no qual se informou que a desistência em participar da pesquisa poderia ser feita a qualquer momento. Somente após o aceite dos participantes no TCLE, as entrevistas foram realizadas.

O local de realização das entrevistas foi escolhido pelos participantes e estas foram realizadas de forma presencial, nas IES onde trabalham, em salas privadas com a presença apenas do entrevistado e da entrevistadora. O estudo, então, conta com 6 (seis) entrevistas gravadas e, posteriormente, transcritas pela pesquisadora.

Passo a passo da pesquisa em campo

De acordo com o método de investigação adotado, concebe-se que a entrevista “não é apenas a aplicação de um instrumento de recolha de dados diferentes, reflecte, em si mesmo, uma concepção diferente de produção de conhecimento, de construção de significado sobre a acção humana” (GIORGI, SOUSA, 2010, p. 80). Nesse sentido, “o critério fundamental é, tanto quanto possível, obter descrições tão detalhadas e concretas das experiências dos sujeitos” (GIORGI; SOUSA, 2010, p. 83).

O método fenomenológico proposto por Giorgi e Sousa (2010), para a análise das entrevistas, é composto por 4 (quatro) passos: 1. Estabelecer o Sentido Geral; 2. Determinação das Partes: Divisão das Unidades de Significado; 3. Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico; 4. Determinação Geral de Significados Psicológicos.

Tendo em vista tais passos, o primeiro inicia com uma análise das entrevistas buscando uma compreensão global em cada uma das narrativas, realizando uma leitura atenta das transcrições. O segundo procedimento propõe dividir as entrevistas em parte menores, o que permitiu uma análise mais aprofundada. No terceiro passo transforma-se a linguagem do senso comum em expressões, com o intuito de clarificar e explicitar os significados psicológicos das descrições dadas pelos participantes. Segundo Giorgi e Sousa (2010, p. 88), “este terceiro passo é o cerne do método porque o investigador irá descrever as intenções psicológicas que estão contidas em cada unidade de significado”.

Finaliza-se o procedimento “[...] com a análise de um conjunto de unidades de significado, originalmente expressas na linguagem do sujeito, agora transformada numa linguagem psicológica e articuladas em relação ao tema de estudo” (GIORGI; SOUSA, 2010, p. 89). Desse modo, o último momento do método investigativo proposto, “[...] envolve uma síntese das unidades de significado psicológico” (GIORGI; SOUSA, 2010, p. 90).

Visando ilustrar todo esse processo de compreensão acerca dos 4 (quatro) passos sugeridos por Sousa e Giorgi (2010), apresentam-se as unidades de significado através do quadro a seguir, contendo trechos da entrevista do segundo participante:

Quadro 1 – Quatro Passos da Entrevista

Entrevista participante 2	Segundo Passo	Terceiro Passo	Quarto passo
Passo 1: Sentido geral/Transcrição	Divisão das Unidades de Significado	Transformação para Expressões de Caráter Psicológico	Estrutura Geral das Un. de Significados Psicológicos
1. Entrevistador: Fale livremente, com o máximo de detalhe possível, sobre como você se tornou professor de Psicologia na Educação Superior no Maranhão? Participante2: Olha... quando eu me formei, é... e até mesmo durante a graduação, eu não tinha essa ideia não, de ser professora. E eu me formei... E eu queria muito trabalhar com Neuropsicologia, fazendo avaliação e reabilitação.	P2 informa que, durante a graduação, não pensava em ser professora. E diz que ao se graduar psicóloga, queria trabalhar com Neuropsicologia.	P2 relata que a entrada na docência do ensino superior não foi algo pensado na sua graduação. Ao contrário, sua intenção era direcionar a sua carreira de psicólogo para a reabilitação neuropsicológica.	- Ausência de interesse para a docência durante a graduação. - Preferência pela área de Neuropsicologia.

Fonte: Dados da Pesquisa (2016).

A partir da breve descrição das etapas processuais, compreende-se como ocorreu a análise das narrativas de todos os 6 (seis) participantes entrevistados. Enfatiza-se que, o nível científico do segundo passo, exige que o investigador entre na Redução Fenomenológica. “Isto quer dizer que os objectos e as situações são considerados exactamente como se apresentam, não se realizando, no entanto, qualquer tipo de consideração quanto a sua existência ou não, quanto a sua realidade ou não” (GIORGI; SOUSA, 2010, p. 87). Conforme dito anteriormente, as vivências dos participantes são entendidas da forma como são dadas por estes, respeitando o fenômeno tal qual vivenciado.

No terceiro momento da análise proposta, desvela-se o sentido psicológico da vivência dos participantes, em relação ao objeto que se pretende na investigação, no caso, a análise da trajetória de inserção dos psicólogos na docência do Ensino Superior em Psicologia no Maranhão, articulada aos percursos formativos desses psicólogos-professores. Pretende-se, então, através da linguagem descritiva, “trazer à luz significados psicológicos, que estão implícitos nas descrições originais dos sujeitos” (GIORGI; SOUSA, 2010, p. 89).

Após seguir os 3 (três) passos iniciais do método fenomenológico de investigação em Psicologia, chega-se ao último momento do método, no qual a pesquisadora, “fazendo uso da variação livre imaginativa, transforma as unidades de significado numa estrutura descritiva geral” (GIORGI;

SOUSA, 2010, p. 89-90), que pode ser visualizada na coluna denominada “quarto passo” do exemplo dado. Finalizado o quarto passo na análise de todas as narrativas, elaborou-se uma estrutura geral, com todas as unidades de significado encontradas, que será explicitada no terceiro capítulo.

De posse da compreensão dessa metodologia, foi possível iniciar as entrevistas definindo-as como semiestruturadas, contendo dados socioprofissionais e uma pergunta disparadora predefinida (ver Apêndice B): *Fale livremente, com o máximo de detalhe possível, sobre como você se tornou professor de Psicologia na graduação de Psicologia no Maranhão?* Contudo, salienta-se que outras perguntas foram feitas ao longo da entrevista, a fim de esclarecer elementos no relato do entrevistado. De acordo com González Rey (2002, p. 55), “[...] o sujeito, na realidade, não responde linearmente às perguntas que lhes são feitas, mas realiza verdadeiras construções implicadas nos diálogos nos quais se expressa”.

Dessa maneira, respeitou-se a espontaneidade do entrevistado ao apresentar a sua vivência diante da docência. Compreendendo a necessidade de manter a livre expressão do entrevistado, sem perder o foco dos objetivos da pesquisa, ou seja:

O entrevistador deve estar preparado para aspectos ou dimensões que o entrevistado valoriza, mesmo que aparentemente afastado da temática central. Neste caso, deve ser dado algum espaço, explorar eventuais conexões e não reencaminhar imediatamente o entrevistado com uma pergunta fechada. Quando os depoimentos são ambíguos ou pouco claros, o entrevistador deve procurar clarificá-los. Importa distinguir entre *direccionar* o entrevistado, que significaria conduzir o sujeito a referir aspectos que o investigador procuraria encontrar nos dados, e entre *focar* no objecto da investigação, que implica apenas que o entrevistador solicite aos participantes que descrevam experiências sobre o tema de estudo, e não sobre outra temática qualquer. (GIORGI; SOUSA, 2010, p. 83).

Assim, em algumas entrevistas, a entrevistadora percebeu a necessidade de clarificar elementos nas narrativas, solicitando uma maior descrição das experiências relatadas. Tal solicitação foi facilmente acatada pelos participantes. Conhecido o percurso metodológico, abre-se caminho para a fundamentação teórica.

Análise das unidades de significados nas narrativas dos psicólogos-professores

A narrativa dos participantes será apresentada e analisada à luz da Fenomenologia, mais precisamente, de acordo com o método de investigação em Psicologia proposto por Giorgi e Sousa (2010), conforme já apresentado. Durante exposição do percurso metodológico, apresentou-se o quarto passo proposto pelo método investigativo utilizado, o qual possibilita a síntese das unidades de significado psicológico presentes nas narrativas analisadas. Assim, as unidades representam os fenômenos das narrativas de forma sintetizada que serão descritos no quadro a seguir.

Quadro 13 – Síntese das Unidades de Significados Psicológicos

Participantes	Síntese das unidades de significados psicológicos
Participante 1	<ul style="list-style-type: none"> • Querer ser professor. • Querer ser psicólogo. • Preferência pela área clínica. • Atuação na área organizacional. • Insatisfação com salário de psicólogo. • Correlação do exercício da docência à Pedagogia. • Ausência da formação do professor durante a graduação de Psicologia. • Busca por especialização para aprender ser professor. • Necessidade de continuar a formação como pesquisador, aliada à atuação de professor. • Oportunidades de trabalho docente com Pós-graduação <i>stricto sensu</i>. • Ser pesquisador e professor.
Participante 2	<ul style="list-style-type: none"> • Ausência de interesse pela docência durante a graduação. • Preferência pela área de Neuropsicologia. • Carência local de Pós-Graduação em Psicologia • Sugestão de outros para as pós-graduações <i>stricto sensu</i>. • Dúvida sobre ser psicólogo-professor, após a graduação. • Oportunidade de trabalho docente no ensino Superior com Pós-Graduação <i>lato sensu</i>. • Confirmação do apreço pela docência durante sua atuação de psicólogo-professor. • Ausência de professores com qualificação. • Necessidade de qualificação para a docência. • Nível de exigência de qualificação das IES.
Participante 3	<ul style="list-style-type: none"> • Interesse pela docência durante a graduação. • Preferência pela área clínica. • Busca por experiência na área clínica para ser professor. • Dificuldade de relacionar a prática clínica com a sala de aula. • Correlação da experiência clínica à atuação do professor na Graduação de Psicologia.
Participante 4	<ul style="list-style-type: none"> • Interesse pela docência durante a graduação. • Influência de um professor-psicólogo da graduação. • Atuação na área organizacional. • Desinteresse pela área organizacional. • Busca de outros objetivos profissionais • Busca por Pós-Graduação em outro Estado. • Necessidade de qualificação para a docência. • Interesse em exercer a docência do Ensino Superior e a Psicologia clínica. • Dificuldade de inserção nas IES. • Atuação na docência e na área clínica.
Participante 5	<ul style="list-style-type: none"> • Busca por Pós-Graduação em outro Estado. • Ausência de interesse para a docência. • Atuação na Psicologia hospitalar. • Palestras e aulas em residência hospitalar como experiências próximas à docência. • Oportunidade para a docência do Ensino Superior por meio de convite. • Responsabilidade com a área de Psicologia do esporte. • Ausência de percurso para ser docente.

<p>Participante 6</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Oportunidade para docência no Ensino Superior por especialização diferenciada. • Experiência docente em Psicologia do Desenvolvimento. • Valorização da IES por questões salariais e de localização. • Facilidades de ingressar em IES por contatos pessoais • Confirmação do apreço pela docência durante a experiência de ser psicólogo-professor. • Pedagogia como saber concreto. • Psicologia como saber construído. • Preferência por ser professora na graduação de Psicologia. • Docência na graduação de Psicologia como realização profissional.
---	--

Fonte: Dados da Pesquisa (2016)

O quadro acima apresenta todas as unidades de significados psicológicos essenciais, identificadas nas narrativas dos psicólogos sobre suas trajetórias de inserção na docência do Ensino Superior em Psicologia. Explica-se que, a exposição da síntese acima, objetiva uma visualização geral do leitor, para que este se aproxime do processo analítico a partir dos fenômenos encontrados na experiência dos participantes. Tais unidades não serão analisadas de maneira estanque, pois se optou por uma apreciação articulada e integrada expressa por meio de uma rede essencial das relações entre as partes, “de modo que o significado psicológico total possa sobressair” (GIORGI; SOUSA, 2010, p. 90).

A representação esquemática exposta permite perceber que algumas unidades de sentido psicológico são recorrentes nas narrativas dos participantes e articulam-se de maneira a revelar semelhanças, diferenças e completudes entre as narrativas. As análises seguirão apresentando discussões pertinentes a algumas dessas unidades.

Diante da pergunta “*fale livremente, com o máximo de detalhe possível, sobre como você se tornou professor de Psicologia na graduação de Psicologia no Maranhão?*” –, os participantes, repetidamente, versavam sobre o momento da graduação, como forma de encadear uma retrospectiva das suas trajetórias profissionais.

Assim, as primeiras expectativas com relação à prática do psicólogo foram evidenciadas ao longo da graduação, tais como: querer ser professor, preferência pela área clínica e pela Neuropsicologia, atuação na área organizacional e ausência de interesse pela docência. Para ilustrar, citam-se os seguintes relatos: “Então é... acho que essa minha trajetória começou na faculdade na verdade, né? Eu, [...] sempre me espelhei em alguns professores, especialmente [cita uma psicóloga-professora]. E me identifiquei muito com a abordagem, com a análise do comportamento” (PARTICIPANTE 4). “E eu me formei... e eu queria muito trabalhar com Neuropsicologia, fazendo avaliação e reabilitação” (PARTICIPANTE 2).

No desenrolar das narrativas dos psicólogos-professores, foi possível perceber que as expectativas preliminares para atuação profissional foram amadurecidas, repensadas e/ou substituídas por novos projetos. Nesse contexto, observou-se uma priorização nas escolhas pela área clínica, hospitalar e/ou da saúde. Refletindo marcas históricas de uma formação que rompe com suas raízes filosóficas, em busca de reconhecimento científico, enfatizando as áreas médica e a atuação clínica. Além disso, infere-se ainda haver um reconhecimento social perante a atuação clínica, propiciando uma imagem

estereotipada do psicólogo em detrimento das demais áreas no início da graduação. Sobre a ênfase da atuação clínica expõe-se:

Tranquei, abandonei o curso de Pedagogia na UEMA e continuei o curso de Psicologia na UFMA e fiquei e me formei em 2008. E depois eu fui trabalhar... eu sempre gostei da área clínica, né? Psicanálise... só que como não tinha dinheiro pra montar o escritório, consultório, eu comecei a trabalhar na organizacional (PARTICIPANTE 1).

Assim... eu lembro que na graduação é... eu pensava que gostaria de ser professora, mas que... achava importante que eu tivesse alguma experiência clínica pra transmitir. Achava que ser professora na graduação de Psicologia era muito isso, transmitir algo da sua experiência clínica. É... Então a minha pós-graduação refletiu muito essa preocupação de ter uma experiência clínica (PARTICIPANTE 3).

Diante dessas falas, observa-se que o participante desiste da clínica por impossibilidades financeiras. No caso do Participante 3, há até mesmo uma associação da clínica a prática docente na graduação de Psicologia, como se essa consistisse em uma transmissão das experiências provenientes da trajetória clínica, o que acabou repercutindo na escolha da sua Pós-Graduação.

A narrativa supracitada do Participante 1, também remete a outra vivência relacionada ao começo da trajetória profissional, onde a atuação no campo da Psicologia Organizacional e do Trabalho se faz presente. Tal área apresenta-se como um campo significativo de inserção do psicólogo no Maranhão, preenchendo os anseios relacionados à empregabilidade, ainda que não fosse sua área de interesse inicial. Assim, apesar de oportunizar uma prática do psicólogo, os participantes 1 e 3 desistiram de tal intento sob alegação de insatisfação salarial, relações conflituosas de trabalho e falta de identificação, diante de uma atuação fortemente tecnicista.

Seguinte esse percurso, a participante 5, apesar de seu interesse em atuar na Psicologia do Esporte, iniciou sua prática profissional por outra via, a psicologia hospitalar. Ainda assim, buscou uma especialização em Psicologia do Esporte em outro Estado. Atualmente, relata que seu anseio em trabalhar na referida área foi correspondido ao se tornar professora da disciplina de Psicologia do Esporte numa IES. Além disso, destaca como outros entrevistados que essa formação diferenciada oportunizou a sua inserção no campo da docência, mesmo não havendo construído um percurso para ser professora. Outra situação parecida compareceu na narrativa do segundo entrevistado, que teve desejo de trabalhar com Neuropsicologia, possibilitado pela docência do Ensino Superior. Assim, destaca-se:

Quase quando eu me formei em 2003 é... eu tive a oportunidade de fazer a pós em São Paulo em Psicologia do Esporte e aí foi, passei dois anos fazendo essa pós lá e voltei. E esse percurso mais as experiências de trabalho é... me deram a oportunidade de ser professora hoje (PARTICIPANTE 5).

E... surgiu a oportunidade do Pitágoras e eu coloquei meu currículo lá. E aí ele terminou me chamando, na época eu só era especialista. Aí ele [antigo coordenador da IES]

acabou me chamando e eu comecei a dar aula lá na Pitágoras e eu comecei a dar aula com cadeiras específicas de Neuropsicologia na verdade [...] (PARTICIPANTE 2).

Sobre as primeiras oportunidades de trabalho, ressalta-se a experiência de dois participantes (2 e 5) nos Centros de Referência em Assistência Social (CRAS). O participante 5 destaca, em seu relato, um contato primordial com a área pedagógica, ao necessitar ministrar palestras e trabalhos de grupo, o que lhe gerou dúvida sobre a possibilidade de atuar na docência.

É... então lá comecei a exercitar, né? Eu já fazia, eu já dava aulas em palestras, mas coisas mais curtas, né? Palestras de vinte minutos. E lá no Dutra eu comecei a ter uma exigência profissional pra essas aulas, que eu atuava lá na área da UTI e passava isso pros residentes que estavam *lincados* com essa área (PARTICIPANTE 5).

Através dessa exposição, pode-se perceber que os psicólogos-professores entrevistados, tiveram que colher pequenas experiências ao longo de suas trajetórias para subsidiar a prática da docência do Ensino Superior, construindo-a de forma artesanal, galgando passos até chegar ao produto final.

Outra unidade de significado psicológico, que se repete na narrativa dos participantes, ressalta a realização profissional propiciada pela docência do Ensino Superior, que pode ser percebida nos seguintes discursos:

Aí eu comecei a dar aula aqui também, entendeu? E to até hoje. E eu adoro e aí cada vez mais que eu to na docência e com outras disciplinas também eu vejo que realmente era isso que eu queria. Não sei porque que eu demorei tanto tempo pra entrar na docência (PARTICIPANTE 2).

Então a experiência que eu tenho é maravilhosa. Eu fiquei super realizada de ser professora de Psicologia. Eu lembro que eu falava isso, e falo até hoje assim: “se alguém me dissesse que eu iria ser tão apaixonada por outra profissão, o quanto eu sou pela profissão de psicóloga, eu iria dizer, nunca! Não tem essa profissão”. E eu descobri isso dando aula pra Psicologia. Eu cheguei a pensar: “é isso que eu quero fazer pro resto da vida!” (PARTICIPANTE 6).

A partir dessas narrativas, demonstra-se um apreço pela atuação docente, que só foi descoberto diante da vivência de ser professor. Nesse sentido, faz-se necessário superar a romantização social que caracteriza a docência, em qualquer nível de Educação, como se a escolha profissional de ser professor ocorresse somente pela via de um amor, de um dom. Não cabe aqui ignorar a importância do profissional manifestar estima pelo seu trabalho, mas sabe-se que a docência é mais um campo de atuação pertencente à profissão do psicólogo, e que, enquanto tal, pode comparecer como uma oportunidade de mercado, mas que, assim como os demais campos, também exige preparação e possui suas especificidades.

Assim, pode-se concluir ser impraticável realizar uma análise isolada de cada unidade de significado psicológico apresentada no relato dos participantes, ou mesmo chegar a uma conclusão absoluta, uma vez que, diante da metodologia adotada, as narrativas dos participantes da pesquisa se entrecruzam, formando uma rede relacional, conectada uma com as outras pelo fenômeno investigado de analisar a trajetória de inserção dos psicólogos na docência do Ensino Superior em Psicologia no Maranhão.

Considerações finais

Para realização dessa caminhada, elegeu-se a pesquisa de campo sob enfoque fenomenológico, com objetivo de analisar a trajetória de inserção dos psicólogos na docência do Ensino Superior em Psicologia no Maranhão, considerando as narrativas dos psicólogos-professores e articulando seus percursos de formação profissional. Assim, o presente estudo utiliza a Fenomenologia como modelo compreensivo de análise, mais precisamente o Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia, desenvolvido por Giorgi e Sousa (2010).

Além da Fenomenologia, a Historiografia também foi importante na metodologia, pois possibilitou uma visão articulada e contextualizada do objeto de estudo em questão, sem desconsiderar as peculiaridades subjetivas do universo pesquisado. Assim, pode-se resgatar um pouco sobre a história da Psicologia na Educação Superior brasileira, retratando a realidade local, a partir de uma descrição do processo de institucionalização da graduação em Psicologia no Maranhão.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Celana Cardoso; HOLANDA, Adriano Furtado. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 259-268, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 set. 2015.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. **A consolidação da psicologia no Brasil (1930-1962):** sistematização de dados e algumas aproximações analíticas. *Psicologia da Educação*. São Paulo, n. 22, jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-69752006000100005&script=sci_arttext>. Acesso em: 27 set. 2014.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. Algumas reflexões acerca da minha formação como pesquisadora em história da psicologia. In: CAMPO, Regina Helena de Freitas (org.). **História da Psicologia: pesquisa, formação e ensino**. p. 84-93. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de pesquisas sociais, 2008. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/c2248/pdf/freitas-9788599662830.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. **A psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua**

constituição. 5. ed. São Paulo: Educ, 2014. Livro em formato digital.

ARAÚJO, Márcia. **A Psicologia no Maranhão: percursos históricos**. Rio de Janeiro: Ciências Humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais (Biblioteca virtual), 2014. Disponível em: <<http://www.bvce.org/LivrosBrasileirosDetalhes.asp?IdRegistro=264>>. Acesso em: 13 out 2014.

BAPTISTA, Marisa Todescan D. S. A Regulamentação da Profissão Psicologia: Documentos Que Explicitam o Processo Histórico. **Psicologia ciência e profissão**. São Paulo, v. 30, n. especial, p. 170-191, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v30nspe/v30speca08.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2014.

BERNARDES, Denis de Mendonça. Notas sobre a formação social do Nordeste. **Lua Nova**, São Paulo, n. 71, p. 41-79, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010264452007000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 jul. 2016.

BERNARDES, Denis de Mendonça. A formação em Psicologia após 50 anos do Primeiro Currículo Nacional da Psicologia: alguns desafios atuais. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 32, n. esp, p. 216-231, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000500016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 set. 2015.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes. **Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia**. 14ª ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

BOCK, Ana Maria Bahia. Psicologia e sua ideologia: 40 anos de compromisso com as elites. In: BOCK, Ana Mercês Bahia (org.). **Psicologia e o compromisso social**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BRASIL. **Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962**. Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4119.htm>. Acesso em: 18 jul. 2014.

BRASIL. **Decreto 53.464, de 21 de janeiro de 1964**. Regulamenta a Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962, que dispõe sobre a profissão de psicólogo. Brasília, DF. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=114728>>. Acesso em: 18 jul. 2014.

BRASIL. **Lei 5.766, de 20 de dezembro de 1971**. Cria o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Psicologia e dá outras providências. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L5766.htm>. Acesso em: 18 jul. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CES 1.314/2001 de 11 de novembro de 2001**. Brasília, DF. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12991:diretrizes-curriculares-cursos-de-graduacao>. Acesso em: 18 jul. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CES 072/2002 de 20 de janeiro de 2002a**. Brasília, DF. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12991:diretrizes-curriculares-cursos-de-graduacao>. Acesso em: 18 jul. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. **Manual de verificação in loco das condições institucionais:** credenciamento de instituições não universitárias; autorização de cursos superiores (ensino presencial e a distância). Brasília; DF: 2002b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/Manual1.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CES 0062/2004 de 19 de fevereiro de 2004.** Brasília, DF. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12991:diretrizes-curriculares-cursos-de-graduacao>. Acesso em: 18 jul. 2014.

BRASIL. **Decreto 5.773 de 9 de maio de 2006.** Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/Decreto/D5773.htm>. Acesso em: 24 abr. 2016.

BRASIL. Câmara dos deputados. **Projeto de Lei 105 de 12 de fevereiro de 2007a.** Propondo alterar dispositivos do art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=8D62C9CCE6C499B6AD0F0AE61A13FFCC.proposicoesWeb2?codteor=434655&filename=PL+105/2007>. Acesso em: 10 out. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CES 153/2007 de 08 de agosto de 2007b.** Brasília, DF. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12991:diretrizes-curriculares-cursos-de-graduacao>. Acesso em: 18 jul. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CES 338/2009 de 12 de novembro de 2009.** Brasília, DF. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12991:diretrizes-curriculares-cursos-de-graduacao>. Acesso em: 18 jul. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CES 119/2010 de 07 de maio de 2010.** Brasília, DF. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12991:diretrizes-curriculares-cursos-de-graduacao>. Acesso em: 18 jul. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CES n. 5 de 15 de março de 2011.** Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação de Psicologia, estabelecendo normas para o projeto pedagógico complementar para a formação de professores de Psicologia. Brasília, DF. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12991:diretrizes-curriculares-cursos-de-graduacao>. Acesso em: 18 jul. 2014.

BRASIL. **Lei nº 12.863, de 24 de setembro de 2013.** Que dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreiras e Cargos de Magistério Federal. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/Lei/L12863.htm>. Acesso em: 18 ago. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE nº 2, de 1º de julho de 2015.** Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Brasília, DF. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=17719-res-cne-cp-002-03072015&category_slug=julho-2015-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 18 jul. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados**. Cadastro e-MEC de Instituições e Cursos de Educação Superior, base de dados oficial e única de informações relativas às Instituições de Educação Superior – IES e cursos de graduação do Sistema Federal de Ensino. Os dados do Cadastro e-MEC devem guardar conformidade com os atos autorizativos das instituições e cursos de educação superior, editados com base nos processos regulatórios competentes, 2016a. WEBSITE. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016b**. Brasília, DF Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em: 26 ago 2016.

BROZEK, Josef; GUERRA, Erlaine. Que fazem os historiografos? Uma leitura de Josef Brozek. In: CAMPO, Regina Helena de Freitas (org.). **História da Psicologia: pesquisa, formação e ensino**. P. 4-20. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de pesquisas sociais, 2008. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/c2248/pdf/freitas-9788599662830.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

CARVALHO, Cristianne. **Para além do tempo regulamentar: uma narrativa sobre a história da psicologia do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

CIRINO, Sérgio Dias; et al. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, 2007, v. 15, n. 1, p. 23-32. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v15n1/04.pdf>>. Acesso em: 04 jan. 2016.

COIMBRA, Cecília Maria B. Práticas Psi no Brasil do “milagre”: algumas de suas produções. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; JABOUR, Fabio; RODRIGUES, Heliana (orgs). **CLIO-PSYCHÉ: Histórias da Psicologia no Brasil**. Rio de Janeiro: UERJ, NAPE, 2008. Disponível em: <http://cliopsyche.com.br/wp-content/uploads/ClioPsyche_Historas_psicologia_Brasil.pdf.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2012.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. **Parecer nº 977/65**. Definição dos cursos de pós-graduação. Brasília, DF, 1965. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Parecer_CESU_977_1965.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2015

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Uma Profissão de Muitas e Diferentes Mulheres: resultado preliminar da pesquisa 2012**. São Paulo, CFP, 2013. Disponível em: <<http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/03/Uma-profissao-de-muitas-e-diferentes-mulheres-resultado-preliminar-da-pesquisa-2012.pdf>>. Acesso em: 8 jun. 2016.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **A Psicologia Brasileira Apresentada em Números**. WEBSITE. Disponível em: <<http://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/#>>. Acesso em: 15 ago de 2016.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DA 6ª REGIÃO. **Exposição 50 anos da psicologia no Brasil: A história da psicologia no Brasil**. São Paulo: CRPSP, 2011. Disponível em: <<http://www.crp.org.br/fotos/pdf-2015-10-06-12-34-36.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2014.

CUNHA, M. I. Docência universitária. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.

CURY, Bruno de Moraes; FERREIRA NETO, João Leite. Do Currículo Mínimo às Diretrizes Curriculares: os estágios na formação do psicólogo. **Psicologia em Revista**, Minas Gerais, v. 20, n. 3, p. 494-512, dez. 2014. Disponível em:

<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/P.1678-9523.2014V20N3P494/8156>>. Acesso em: 01 out. 2015.

D'ÁVILA, Cristina Maria. Docência na Educação Superior: labirintos e saídas na construção da profissionalidade docente. In: D'ÁVILA, Cristina Maria; VEIGA, Ilma Passos Alencastro (orgs.). **Profissão docente na Educação Superior**. p. 19-34. 1ed. Curitiba: CRV, 2013.

ESCH, Cristiane Ferreira; JACÓ-VILELA, Ana Maria. A regulamentação da profissão do psicólogo e os currículos de formação *psi*. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; CEREZZO, Antônio Carlos; RODRIGUES, Heliana (orgs.). **CLIO-PSYCHÉ hoje: fazeres e dizeres psi na história do Brasil**. Rio de Janeiro: UERJ, NAPE, 2012. Disponível em:

<<http://static.scielo.org/scielobooks/hkyyb/pdf/jaco-9788579820618.pdf>>. Acessado em: 24 set. 2014.

FACULDADE PITÁGORAS. **Histórico**, 2016. WEBSITE. Disponível em:

<<http://www.faculdadepitagoras.com.br/Paginas/Faculdade/Historico.aspx>>. Acesso em: 13 jul 2016.

FACULDADE PITÁGORAS. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação de Psicologia**. São Luís, 2013.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. Quarenta anos da reforma universitária: significado questões e desafios. In: MANCEBO, Deise; SILVA JÚNIOR, João dos Reis; OLIVEIRA, João F.; CATANI, Afrânio Mendes (Orgs.). **Reformas da educação superior: cenários passados e contradições do presente**. São Paulo: Xamã, 2009.

FURTADO, Odair. 50 anos de Psicologia no Brasil: a construção social de uma profissão. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 32, n. spe, p. 66-85, 2012. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000500006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 set. 2014.

GIORGI, Amadeo; SOUSA, Daniel. **Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia**. Lisboa: Fim de Século, 2010.

GONZÁLES REY, Fernando Luis. Alguns pressupostos gerais do desenvolvimento da pesquisa qualitativa em Psicologia. In: **Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo. Pioneira Thomson Learning, 2002.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Tradução de Artur Morão. 2. Ed. Lisboa - Portugal: Edições 70, 1970.

INSTITUTO SEDES SAPATIE. **Uma breve apresentação**, 2015. WEBSITE. Disponível em: <<http://sedes.org.br/site/>> Acesso em: 24 set. 2015.

IBGE. **Censo. 2010**. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 05 jul. 2016.

IBGE. **Estimativa de População**. 2015. Disponível em:

<ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2015/estimativa_2015_TCU_2016071_2.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2016.

- JACÓ-VILELA, Ana Maria Jacó. História da Psicologia no Brasil: uma narrativa por meio de seu ensino. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 32, p. 28-43, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932012000500004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 jan. 2015.
- LISBOA, Felipe Stephan; BARBOSA, Altemir J. Gonçalves. Formação em Psicologia no Brasil: Um Perfil dos Cursos de Graduação. **Psicologia ciência e profissão**. São Paulo, v. 29, n. 4, p. 718-737, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v29n4/v29n4a06.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2015.
- MANCEBO, Deise. Formação do psicólogo: uma breve análise dos modelos de intervenção. **Psicol. cienc. prof.**, v. 17, n. 1, p. 20-27, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931997000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 ago. 2015.
- MANCEBO, Deise. Formação em Psicologia: gênese e primeiros desenvolvimentos. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; JABOUR, Fabio; RODRIGUES, Heliana (orgs). **CLIO-PSYCHÉ: Histórias da Psicologia no Brasil**. Rio de Janeiro: UERJ, NAPE, 2008. Disponível em: <http://cliopsyche.com.br/wp-content/uploads/ClioPsyche_Historas_psicologia_Brasil.pdf.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2015.
- MARTINS, Angela Maria Souza. Breves Reflexões sobre as Primeiras Escolas Normais no Contexto Educacional Brasileiro, no Século XIX. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 35, p. 173-182, set. 2009. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/histedbr/article/view/3830/3246>>. Acesso em 25 out. 2015.
- MASSETO, Marcos Tarciso. **Competências pedagógicas do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.
- MASSIMI, Marina. Estudos históricos acerca da psicologia brasileira: uma contribuição. In: CAMPO, Regina Helena de Freitas (org.). **História da Psicologia: pesquisa, formação e ensino**. p. 58-69. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de pesquisas sociais, 2008. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/c2248/pdf/freitas-9788599662830.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2015.
- MELLO, Sylvia Leser de. Currículo: quais mudanças ocorreram desde 1962?. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 16-18, 1989. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931989000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 ago. 2015.
- PATTO, Maria Helena de Souza. O que a história pode dizer sobre a profissão do psicólogo: a relação Psicologia-educação. In: BOCK, Ana Mercês Bahia (org.). **Psicologia e o compromisso social**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- PENNA, Antônio Gomes. **História das idéias psicológicas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- PEREIRA, Fernanda Martins; PEREIRA NETO, André. O psicólogo no Brasil: notas sobre seu processo de profissionalização. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 8, n. 2, p. 19-27, Dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 set. 2014.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo. **Docência no Ensino Superior**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO NO BRASIL. **Ranking IDHM Municípios 2010**, 2016. WEBSITE. Disponível em: <<http://www.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idhm-municipios-2010.html>>. Acesso em: 27 jul. 2016.

PSICOL. CIENC. PROF., Brasília, v. 19, n. 1, p. 93, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931999000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 out. 2015.

PORTAL INEP. **Avaliação dos cursos de Graduação, 2016**. WebSite. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/superior-condicoesdeensino>>. Acesso em: 27 ago. 2016

SALGUEIRO, Juliana. **O Psicólogo organizacional e do trabalho: uma análise da formação acadêmica e da atuação profissional em São Luís - Ma**. São Luís: UFMA, 2007.

SUCUPIRA, Newton. Definição dos Cursos de Pós-graduação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v.44, n. 100, p. 67-86, dez. 1965. (Parecer CFE 977/1965).

TOURINHO, Emmanuel Zagury; BASTOS, Antônio Virgílio Bittencourt. Desafios da pós-graduação em Psicologia no Brasil. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 23, supl. 1, p. 35-46, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722010000400005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 ago. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA. **Projeto Político Pedagógico Curso de Psicologia, 2014**. Disponível em: <<http://www.ufma.br/portalUFMA/arquivo/MGemD6j4YatwNtg.pdf>>. Acesso em: 01 jul 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA. **Sistema Integrado de Ações Acadêmicas. Curso de Psicologia / DCCH, 2016**. Website. Disponível em: <https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/curso/portal.jsf?id=85820&lc=pt_BR>. Acesso em: 18 jul. 2016.

UNIVERSIDADE CEUMA. **Sobre o Uniceuma, 2016**. Website. Disponível em: <http://www.ceuma.br/portal/?page_id=3233>. Acesso em: 18 jul. 2016.

UNIVERSIDADE CEUMA. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação de Psicologia**. São Luís, 2012.

YAMAMOTO, Oswaldo Hajime, COSTA, Ana Ludmila Freire; PEREIRA, Nathália Leopoldo Souza Leão Fernandes. Notas para uma discussão da assimetria regional na pós-graduação: a Psicologia na região Nordeste. **Boletim da Anpepp**, 45, p. 03, 2013. Disponível em: <http://arquivo/download?ID_ARQUIVO=25>. Acesso em: 18 ago. 2016.

*Recebido em: 19 de junho de 2022.
Aprovado em: 20 de novembro de 2022.*